

## Tempelhof: em busca de um novo lugar

*Arquiteto e urbanista Ruskin Freitas  
@ruskinfreitas*

Aeroporto é um tema complexo para a arquitetura, sobretudo pela sua funcionalidade, com fluxos diversos, por vezes dicotômicos. Igualmente, é um tema complexo para seus usuários, por suscitar sentimentos diversos. Muitos já choraram, com saudade daquele que ainda está bem ali, à sua frente, a se despedir. Tantos outros já sorriram efusivamente, em encontros, reencontros e até com o vazio do desconhecido e a expectativa da aventura.

O aeroporto Tempelhof é um edifício complexo: que já nasceu personagem, ainda em 1923. O aeroporto central de Berlim, renasceu em 1941, sob projeto dos arquitetos Earnst Sagebiel e Albert Speer. De símbolo de poder, monumentalidade e austeridade, com suas repetidas esquadrias de linhas retas, repetidamente verticais, marcando a grande horizontalidade da suave curva de uma águia em pleno voo, passou a representar esperança, após 1945, e sucesso comercial, na década de 1960. Passou a ser um animado parque, incluindo a área de suas pistas, em 2010. Em 2015, veio a ser um abrigo de emergência – um grande centro de refugiados, no coração da capital alemã.

Karin Aïnouz – o mesmo diretor cearense de “A vida invisível”, “O céu de Suely” e de “Viajo porque preciso, volto porque te amo” – viu em Tempelhof mais do que um cenário para seu longa “**Aeroporto Central**” (2018). Viu um mote para uma aula, sobre o significado da arquitetura, sobretudo para seus usuários, a vida e a morte de um local, a renovação. Ao longo do filme, está sempre presente a reflexão sobre o que é um lugar, aquele deixado para trás, às pressas, aquele que se constrói no cotidiano, entre iguais, e aquele que se anseia, para chamar de seu. Neste momento, Tempelhof é casa, é escola, é posto médico, é alfândega, é parque, é vida em compasso de espera.

Ibrahim Al Hussein lembra-se de seu lugar, na Síria, e mais ainda de seu quarto, com cheiro de café fresco feito pela mãe, quando acordava todas as manhãs, ao som da música de Fairuz. “Um rio dividia a minha aldeia entre o norte e o sul.” Agora, um aeroporto divide sua vida, entre oriente e ocidente, entre guerra e paz, entre a saudade de sua vida inteira e a busca de um novo lugar...